

CARACTERIZAÇÃO DO SETOR AGRÍCOLA DA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

Carmem Ozana de Melo'
Gerson Henrique da Silva"

Resumo

A modernização vivida pela agricultura nas últimas décadas não teve impacto uniforme em todas as regiões, acarretando reflexos em suas características. Neste contexto, este estudo tem por objetivo reunir elementos que permitem caracterizar o setor agrícola da região sudoeste do Paraná contribuindo, assim, para posteriores análises e interpretações. A partir de dados secundários este artigo aborda aspectos gerais da região, da estrutura fundiária e indicadores de concentração da terra. Observou-se que em mais da metade dos municípios a população rural é maior que a urbana. A agropecuária da região mantém predomínio do plantio de grãos de verão, principalmente milho, soja e feijão. Na produção animal destacam-se os suínos, as aves e a bovinocultura de leite. A região caracteriza-se pela predominância de pequenas propriedades. De 1970 a 1995 houve aumento da concentração de posse da terra, havendo redução da área ocupada pelos 50% menores estabelecimentos em benefício dos 10% e 5% maiores estabelecimentos rurais.

Palavras-chave: agricultura, setor agrícola, Paraná.

1 – Introdução

Para o entendimento da agricultura brasileira hoje, é necessária a compreensão das grandes mudanças estruturais ocorridas nas últimas décadas.

O Brasil, até o início do século XX, era uma sociedade predominantemente agrária, com poucos centros urbanos e atividades industriais. A economia nacional fundamentava-se na exportação de poucos produtos agrícolas, destacando-se o café. No entanto, as crises geradas pelo colapso dos preços dos produtos agrícolas exportados, principalmente o café, começaram a redefinir as relações de predominância entre o setor rural e o setor urbano. Essa redefinição foi reforçada pela grande depressão de 1929 quando, reduzindo-se a capacidade de importação do país, a produção interna foi estimulada, tendo o setor urbano passado a concentrar o processo de acumulação de capital. Iniciava-se o processo de substituição de importações (Alencar, 1997).

O modelo de substituição de importações é caracterizado por duas fases fundamentais: a da industrialização restringida, compreendendo o período de 1930 a 1950, e a da industrialização pesada, que se estendeu

até meados da década de 1960. Nesse período, a industrialização começa a penetrar a produção agrícola, tendo início o padrão de expansão agrícola cujo ápice ocorreu após 1966 (Alencar, 1997).

O crescimento do produto agrícola durante o período de 1930 à primeira metade da década de 1960 fundamentou-se em um modelo de agricultura extensiva. Entretanto, no final da década de 1950 e início dos anos 1960, o país passou a enfrentar crises periódicas de abastecimento interno de alguns produtos, com alta geral dos preços dos produtos alimentícios, exercendo pressão sobre os salários e provocando mobilização dos trabalhadores urbanos. Assim, constatou-se que o padrão de crescimento agrícola fundamentado na expansão horizontal e baixo nível tecnológico mostrava claros sinais de exaustão (Alencar, 1997).

O final da década de 1950 e início dos anos 1960 foi também um período marcado por uma intensa mobilização no campo. A modernização tecnológica que ocorreu no centro-sul, potencializando o trabalho agrícola em algumas atividades, começou a redefinir relações de trabalho no campo, mudando o *status* do trabalhador rural de “colono” para “assalariado temporário”, o qual terá peso crescente na composição da mão-de-obra agrícola, a partir da segunda metade da década de 1960 (Alencar, 1997).

As mudanças que se processaram na agricultura brasileira, principalmente a partir de 1967, caracterizam uma redefinição das relações entre a agricultura e a indústria, dando origem a um novo padrão de produção agrícola. A agricultura passa a se reestruturar a partir de sua inclusão imediata no circuito da produção industrial, seja como consumidora de insumos e máquinas, seja como produtora de matéria-prima para a transformação industrial, formando os complexos agroindustriais. A produção tradicional não é, e nem poderia ser, imediatamente substituída, assim como o padrão de expansão horizontal através da fronteira agrícola. No entanto, a expansão da fronteira passa a se integrar, de forma crescente, com a expansão do complexo agroindustrial (Sorj, 1980). Essa mudança foi viabilizada pela ação do Estado ao criar mecanismos que possibilitaram a introdução maciça de transformações na base técnica da agricultura (Delgado, 1985, *apud* Alencar, 1997).

A reestruturação do setor agrícola – iniciada nos anos 50 e chegando ao auge na década de 70 – baseia-se nos princípios da revolução verde, que privilegia, em seu pacote tecnológico, o uso de sementes selecionadas e de insumos químicos, irrigação, mecanização agrícola e variedades genéticas das culturas que mais se adaptam ao ambiente das regiões brasileiras. Todo esse processo é feito com forte intervenção estatal (DIEESE, 2001).

Os incentivos à modernização da agricultura privilegiaram o grande

capital agrícola, enquanto estimulavam a expropriação e a expulsão do homem do campo. Intensificou-se a concentração fundiária. Privilegiaram-se as regiões mais desenvolvidas e os grandes produtores rurais, aumentando ainda mais a acumulação de capital nesse segmento. Com a difusão do modelo também na agricultura familiar e, dadas as condições da qualidade da terra e da baixa capitalização, entre outros fatores, esses produtores foram colocados à margem desse processo (DIEESE, 2001).

A mudança das propriedades para empresas rurais, tornando-as mais modernas e produtivas, fez com que houvesse uma grande transformação na relação entre a agricultura e os outros setores da economia. Essas propriedades rurais passaram a compor os complexos agroindustriais, dependendo de insumos que eram recebidos das indústrias, produzindo, além de bens de consumo final, bens intermediários ou matérias-primas para outras indústrias de transformação.

Segundo Boni & Cunha (2002, p.146),

No Paraná, essa passagem para a agricultura dinâmica, comandada pelos Complexos Agroindustriais, foi uma das grandes responsáveis pelo processo de modernização e expansão da agropecuária, notadamente a partir da década de 70. Pois, com o crescimento de setores vinculados a ela, como os de fornecimento de insumos e implementos ou os de processamento de sua produção, aumentou a demanda por produtos agropecuários que, segundo o IPARDES (1983) passaram a fazer parte do novo padrão industrial do estado, baseado agora em empresas de grande porte, que empregavam o uso de tecnologias modernas e produziam em grandes dimensões, voltadas para suprir não apenas o mercado nacional, mas também o mercado internacional.

Contudo, as mudanças decorrentes desse processo de modernização não têm um impacto uniforme em todas as regiões e nem todos os estratos de produtores. Apesar do processo de industrialização da agricultura ter sido dominante nas últimas décadas, isto não significa a homogeneização das formas de produzir na agricultura e nem a integração inter-setorial completa em todos os tipos de atividades. Ao contrário, a agricultura ainda comporta amplos segmentos atrasados e dominados pelo capital comercial tradicional (Kageyama, 1990:185, *apud* Alencar, 1997).

Nesse sentido, Gualda & Tavares (2004) afirmam que "(...) a forma intensa e acelerada em que se dão as transformações no meio rural, faz com que a nova configuração espacial das atividades produtivas no estado do Paraná ocorra de forma desorganizada, gerando imensos vazios em determinadas regiões do estado e forte concentração de pessoas e ativida-

des econômicas na região metropolitana de Curitiba e outros centros urbanos de médio porte”.

De acordo com Feres (s.d.,p.549),

No sudoeste do Paraná não ocorreu o mesmo processo de expropriação provocado pela modernização da agricultura em outras áreas do Brasil. As regiões Norte e Oeste do estado foram profundamente afetadas por esse processo (...). Entre 1970 e 1975 mais de 76.000 estabelecimentos rurais com menos de 50 ha desapareceram. Em 1980 esse número já atingia 100.000 estabelecimentos. Mantendo a sua estrutura de produção camponesa, o Sudoeste conseguiu assimilar com relativo sucesso o avanço da modernização tecnológica, conservando intacta a base familiar de seu processo produtivo.

O mesmo autor continua:

O primeiro impacto da modernização tecnológica trouxe para a região um clima de euforia e mesmo a impressão de que a ameaça iminente de fechamento da fronteira poderia ser evitado através da mera aplicação das novas técnicas propostas. O problema do esgotamento da terra foi enfrentado pela introdução dos fertilizantes e dos defensivos químicos.(...) Também a mecanização realiza sua marcha ascendente na região (...). Paralelamente a esse avanço, os agricultores do Sudoeste passaram a recorrer à especialização da produção, tendendo à homogeneização da produção, tanto dentro dos estabelecimentos, quanto a nível regional, refletindo uma tendência geral do estado (Feres, s.d.p.550).

Contudo, ao assimilar o processo de revolução agrícola, o “agricultor acabou por entrar na divisão internacional do trabalho, fazendo crescer mais ainda a cadeia de dependências que o envolve” (Feres, s.d.,p.550). Ou seja, esta revolução vem acompanhada de conseqüências negativas para o pequeno produtor: o avanço tecnológico só lhe é possível através do sistema de créditos. “O financiamento vem acompanhado de um *pacote tecnológico*, relacionado a critérios de rentabilidade (...). Esses *pacotes tecnológicos*, centralistas, refletem uma mentalidade estranha à do pequeno produtor” (Feres, s.d.,p.551).

Neste contexto, os agricultores do Sudoeste do Paraná entram na década de 80 enfrentando uma situação regional difícil. A estrutura familiar tradicional da produção havia sido afetada pelo avanço da modernização rural, sendo que o primeiro impacto positivo havia desaparecido.

Analizando dados de 1980, da região Sudoeste, Feres (s.d.,p.553), afirma que:

(...) o número de assalariados rurais, temporários e permanentes, chegava a 12.000. Esse contingente de bóias-frias, fenômeno novo na região, concentra-se em torno das maiores cidades: Pato Branco, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, Capanema, Coronel Vivida, Realeza, Barracão e Ampere. O MASTES (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste) registrava, em 1982, a existência de 38.200 famílias de agricultores sem terras. A concentração de terras em mãos de alguns proprietários, através da aquisição de pequenas propriedades, é outro fenômeno novo e crescente. Na região de Francisco Beltrão, a Secretaria da Agricultura do Paraná registrava para o período de janeiro-1983/junho-1985, vendas de 6.923 propriedades com áreas inferiores a 30 ha.

“O surgimento da lavoura intensiva em insumos, no início dos anos 70, colocou ênfase nos aspectos qualitativos da produção monocultural, acentuando a incapacidade do modelo extrativista para atender as demandas do mercado (...). Muitos, porém, dos agricultores que se modernizaram, ficaram seriamente endividados e com poucas perspectivas de recuperação, principalmente a partir do final dos anos 80 e início dos anos 90 (...)” (Ministério da Agricultura e do Abastecimento, 1999, p.18).

Neste contexto, são travadas, a partir de 1980, lutas camponesas na região, como meio de resistência ao avanço da modernização. De acordo com Feres (s.d.,p.556) “essas lutas se dão a dois níveis: 1) a luta pela posse da terra, por parte dos agricultores expropriados e dos jovens não territorializados, desenvolvendo-se em duas fases: - a luta pela desapropriação de latifúndios improdutivos e pelo assentamento de agricultores sem terra; - a luta pela criação de condições de exploração da terra, dentro dos assentamentos. 2) a luta pela integração do pequeno produtor na sociedade”.

Todo este quadro vai se refletir na forma de ocupação da terra, na característica da base produtiva, conferindo à região característica própria, num ambiente de mudanças do meio rural. Neste contexto, este estudo tem por objetivo reunir elementos que permitem caracterizar o setor agrícola da região sudoeste do Paraná contribuindo, assim, para posteriores análises e interpretações.

A partir de dados secundários, já elaborados, este artigo abordará, inicialmente, aspectos gerais da região, especialmente do setor agrícola. Segue um item relacionado à estrutura fundiária e indicadores de concentração da terra, precedendo às considerações finais.

2 – Aspectos gerais da região sudoeste do Paraná

A região sudoeste do Paraná, com uma área de 17.043 km², ocupa a margem esquerda do rio Iguaçu, que vai de Palmas até os municípios da fronteira com a Argentina, tendo ao sul os municípios do Oeste Catarinense (EMATER-PR, 1999, p.22).

Segundo a EMATER-PR (1999, p. 24), “a população que colonizou a região sudoeste é proveniente 42,9% do Rio Grande do Sul, 24,8% de Santa Catarina e 31,4% de outras regiões do Paraná, conforme pesquisa feita junto aos registros de casamentos da região no período de 1900 a 1975, predominando os descendentes de italianos e alemães.” A mesma fonte afirma que “a riqueza da região é gerada em 90,7% direta ou indiretamente das atividades agropecuárias. Do total das propriedades 87% são familiares e 94% (destas) possuem áreas inferiores a 50 ha” (EMATER-PR,1999, p.24).

O Quadro 1 mostra a população da região sudoeste do Paraná e do estado. Percebe-se aí que em 1996, 45% da população da região encontrava-se na zona rural, o que deixa transparecer a grande massa de pessoas que viviam e, conseqüentemente, dependiam de atividades ligadas ao setor. Já no ano de 2000, esta participação diminuiu, passando para 39% o contingente populacional residente na zona rural. Esta saída de pessoas do campo pode estar relacionada a dificuldades vividas no campo, bem como a aspectos ligados a mudanças na concentração da posse da terra, que será discutido adiante. Contudo, apesar dessa queda, o volume de residentes na zona rural ainda é de grande relevância, se comparada ao observado para o estado como um todo, conferindo à região característica peculiar, podendo também ser atribuída em parte aos movimentos ocorridos pela posse da terra.

Quadro 1 – População da Região Sudoeste do Paraná 1996 e 2000 e do Estado do Paraná 2000

POPULAÇÃO	Região Sudoeste				Paraná	
	1996	%	2000	%	2000	%
URBANA	301.621	54,93	335.913	60,56	7.786.084	81,41
RURAL	247.476	45,07	218.732	39,44	1.777.374	18,59
TOTAL	549.097	100,00	554.645	100,00	9.563.458	100,00

Fonte: IBGE

É interessante observar, através do Quadro 2 (Anexo), que dos 42 municípios, em 2000, em mais da metade (23), ou seja, em 55%, a popu-

lação rural é maior que a urbana. Isto, com certeza, tem reflexos sobre a dinâmica produtiva da região. Traduz, além disso, uma manutenção do tipo de colonização ocorrido na região: “A colonização dessa região foi alicerçada, exclusivamente, sobre o setor primário da economia” (Ministério da Agricultura e do Abastecimento, 1998).

De acordo com a EMATER-PR (1999), as unidades de produção da região apresentam áreas mais planas e outras mais declivosas. Nas áreas mais planas os agricultores plantam as lavouras de soja, milho e um pouco de trigo, manejadas prioritariamente com tração mecânica, utilizando adubação e controle químicos de plantas daninhas. Nas áreas declivosas, há predominância de pastagens para vacas de leite e pequenas plantações como o fumo e a cana. Segundo a mesma fonte, “em algumas unidades de produção onde não há áreas planas, as lavouras são implantadas nos ‘morros’ também, utilizando apenas a tração animal e quantidade reduzida de adubação química” (EMATER-PR, 1999, p.25).

Tabela 1 – Total de área colhida, quantidade produzida e rendimentos médios das principais culturas de verão na Região Sudoeste e suas percentagens em relação ao Estado do Paraná – 1995.

Cultura	Área (há)	Sudoeste/PR (%)	Quantidade (T)	Sudoeste/PR (%)	Rendimento	Rendimento
					médio Sudoeste (kg/ha)	médio Paraná (kg/ha)
Milho	421.050	15,6	1.431.249	15,9	3.399	3.330
Soja	212.610	9,6	581.448	10,2	2.735	2.581
Feijão	106.685	20,8	94.135	20,7	882	884

Fonte: IPARDES, 1997 citado por EMATER-PR, 1999.

A agropecuária da região mantém domínio do plantio de grãos de verão, principalmente milho, soja e feijão. De acordo com a EMATER-PR (1999), estes produtos representam uma parcela importante da produção total do estado do Paraná, apresentando rendimentos médios superiores ao do estado, com exceção do feijão (Tabela 1).

Dados mais recentes mostram que tais culturas continuam sendo praticadas na região. A tabela 2 expõe esta realidade, por município da região.

Na produção animal destacam-se na região os suínos, as aves e a bovinocultura de leite. Estas atividades apresentam-se mais concentradas na microrregião de Francisco Beltrão. É o que pode ser visualizado através da tabela 3.

No que diz respeito à agroindustrialização, em estudo acerca das transformações da economia paranaense, Gualda & Tavares (2004) apontam que “ A agroindústria, embora de forma mais gradual, também passa por um expressivo processo de reestruturação produtiva, que traz significativa mudança no perfil de sua produção: de produtor de bens intermediários passa a produzir de forma mais intensiva bens finais”.

Contudo, os autores destacam que:

As mudanças na agroindústria também contribuíram para uma configuração mais dinâmica da base produtiva do Estado, mesmo tendo experimentado um processo de reestruturação produtiva um pouco mais tímida. (...) A exemplo do que ocorreu nos segmentos mais dinâmicos da indústria, a agroindustrialização também ocorreu de forma seletiva, quanto a espacialidade, privilegiando regiões com maiores vantagens locacionais, quer quanto a fatores infra-estruturais ou às possibilidades de implantarem modelos de produção integrada (Gualda & Tavares, 2004).

Neste contexto, Feres (s.d.), ao se referir a aspectos da região na década de 80, afirma:

A agroindústria está presente na região, através de empresas transnacionais: Sadia (sementes, suínos, aves, cereais e armazéns), Agrocere (sementes), Souza Cruz (tabaco), Imaribo/Estil (madeira, erva-mate e cereais), Carggil (sementes e armazéns). Duas empresas nacionais operam na área: Chapecó e Perdigão, ambas no setor de avicultura, na produção de insumos e de sementes. Seis cooperativas agropecuárias operam também com grande sucesso financeiro: a COMFRABEL (em Francisco Beltrão), a CAMDUL (em Dois Vizinhos), a COAGRO (em Planalto/Capanema), a COASUL (São João), a CAPEG e CAMISC (em Pato Branco). Essas cooperativas são reunidas numa federação, a SUCCOOP. Todas operam na comercialização dos produtos regionais e no fornecimento de insumos utilizados pelos agricultores (Feres, s.d., p.56).

Estudo realizado pela EMATER-PR (2000), aponta que a agroindustrialização de um cunho familiar e de pequeno porte está presente em toda a realidade da cultura sudoestina. A região, no setor de agroindústria, segundo a EMATER-PR (2000), está passando de um perfil de escala de produção doméstica e descaracterizada, para um perfil de escala comercial profissionalizada. A tabela 4 mostra as atividades e o número de unidades produtoras da região (dividida pela Emater em sub-

regiões).

Tabela 2 -Área e Produção das Principais Culturas da Região Sudoeste - Safra 2000/2001

Município	Soja		Milho		Feijão		Trigo	
	Área/ha	Prod./ton	Área/ha	Prod./ton	Área/ha	Prod./ton	Área/ha	Prod./ton
Ampere	4.000	12.000	9.500	36.120	500	500	1.500	2.250
Barracão	300	720	7.900	22.400	650	595	250	375
Bela Vista da Caroba	3.400	9.860	5.100	26.160	415	452	1.000	1.450
Boa Esperança do Iguaçu	1.500	4.800	8.500	32.575	1.040	1.340	400	640
Bom Jesus do Sul	100	250	9.700	29.250	550	430	50	80
Capanema	14.000	42.000	8.500	34.200	1.500	1.500	3.500	4.90
Cruzeiro do Iguaçu	1.200	3.600	7.100	25.900	300	360	650	900
Dois Vizinhos	3.200	10.240	17.500	79.335	2.300	2.990	1.500	2.288
Enéas Marques	50	150	7.800	28.800	800	960	100	150
Flor da Serra do Sul	2.000	5.800	10.700	45.150	630	927	300	480
Francisco Beltrão	5.000	14.500	24.800	101.680	1.500	1.360	600	960
Manfrinópolis			8.600	26.380	395	394	100	150
Marmeleiro	5.000	14.000	14.500	67.800	520	412	150	240
Nova Esperança do Sudoeste	350	1.120	7.700	37.425	400	500	300	480
Nova Prata do Iguaçu	8.000	25.600	12.000	49.500	3.000	3.600	3.000	3.600
Perola D'Oeste	6.000	18.000	6.600	24.900	420	498	2.500	3.900
Pinhal de São Bento	300	960	2.800	10.080	100	80	100	160
Planalto	9.000	27.000	7.000	28.500	1.500	1.200	3.500	5.950
Pranchita	10.300	32.960	7.500	33.100	600	740	6.000	10.800
Realeza	10.000	31.000	12.000	55.500	1.260	1.848	5.000	7.200
Renascença	11.000	31.900	17.600	120.460	500	720	2.500	4.000
Salgado Filho			7.700	27.100	550	530	100	150
Salto do Lontra	3.000	9.600	10.500	42.900	1.550	2.290	1.500	1.820
Santa Izabel D'Oeste	9.000	27.900	8.000	32.950	820	816	4.000	5.510
Santo Antonio do Sudoeste	5.500	16.500	11.000	42.700	550	462	2.500	4.250
São Jorge D'Oeste	2.000	6.000	11.500	47.250	370	264	400	600
Verê	5.000	15.500	11.000	54.600	750	740	2.000	3.200
Total Região de F.Beltrão	119.200	361.960	273.100	1.162.715	23.380	26.328	43.500	66.483
Bom Sucesso do Sul	7.400	22.940	6.900	48.910	400	615	2.000	4.000
Chopinzinho	24.000	52.800	13.000	62.470	400	380	2.400	4.080
Clevelândia	13.600	37.400	11.150	66.998	550	586	3.300	1.600
Col. Domingos Soares	4.800	14.880	5.400	29.630	400	585	230	115
Coronel Vidua	16.000	46.400	17.200	91.490	900	1.170	2.500	3.450
Honório Serpa	13.800	39.330	12.800	69.700	700	915	1.100	380
Itapejara D'Oeste	6.800	20.060	7.000	35.690	720	1.089	1.100	2.200
Mangueirinha	20.500	58.425	17.200	89.005	3.300	4.380	3.300	1.690
Mariópolis	6.900	20.010	6.850	44.595	700	1.061	2.500	1.200
Palmas	5.700	16.530	4.100	28.800	250	395	545	872
Pato Branco	12.100	36.300	12.700	86.175	1.150	1.725	2.500	3.870
São João	10.500	29.400	10.800	48.380	270	294	4.600	9.660
Saudade do Iguaçu	1.100	3.080	4.650	18.525	100	65	30	40
Sulina	2.500	6.825	3.800	17.120	50	50	240	384
Vitorino	8.900	25.810	7.350	58.775	900	1.464	1.100	1.155
Total Região de P.Branco	154.600	430.100	140.000	796.263	10.790	14.774	27.445	34.696
Total do Sudoeste	273.800	792.150	413.000	1.958.978	34.170	41.102	70.945	101.179

Caracterização do Setor Agrícola da Região Sudoeste do Paraná

Tabela 3 - Rebanho Estático de Bovinos, Suínos, Frangos e Produção de leite - Ano 2001

Município	Bovinos (Cab.)	Suínos (Cab.)	Frangos (Cab.)	Leite (Lts.)
Ampère	27.945	25.268	712.300	10.112.600
Barracão	14.742	18.000	48.000	9.270.000
Bela Vista da Caroba	12.612	8.610	60.290	5.015.100
Boa Esperança do Iguaçu	15.890	9.950	387.400	4.982.100
Bom Jesus do Sul	15.443	7.965	9.440	5.092.740
Capanema	34.660	31.960	874.500	19.850.000
Cruzeiro do Iguaçu	18.690	10.850	516.200	5.798.600
Dois Vizinhos	35.470	29.390	3.806.300	16.826.970
Enéas Marques	18.820	52.800	647.230	9.656.800
Flor da Serra do Sul	16.520	16.370	455.970	6.941.800
Francisco Beltrão	48.196	79.390	2.443.973	26.245.000
Manfrinópolis	14.985	4.150	306.600	5.232.000
Marmeleiro	21.125	30.080	1.251.980	11.855.000
Nova Esperança do Sudoeste	20.805	25.350	754.300	9.250.000
Nova Prata do Iguaçu	30.080	46.750	402.700	12.287.790
Pérola D'Oeste	14.028	20.080	83.167	6.602.800
Pinhal de São Bento	10.910	10.000	48.970	3.991.950
Planalto	26.958	28.098	144.050	12.966.000
Pranchita	9.110	11.120	68.935	4.727.160
Realeza	27.330	21.032	319.140	14.907.026
Renascença	15.291	16.350	868.675	10.943.000
Salgado Filho	17.940	27.100	190.500	6.575.700
Salto do Lontra	26.570	25.130	1.767.300	9.850.000
Santa Izabel D'Oeste	23.315	22.776	1.067.100	11.474.000
Santo Antonio do Sudoeste	24.620	22.015	377.852	10.168.589
São Jorge D'Oeste	33.210	15.700	1.315.992	12.450.600
Verê	22.805	20.050	1.601.930	11.492.600
Total Região F. Beltrão	598.070	636.334	20.530.794	274.564.716
Bom Sucesso do Sul	4.558	14.473	230.281	2.007.500
Chopinzinho	50.607	12.400	743.298	13.870.000
Clevelândia	23.785	11.564	-	9.970.000
Cel. Domingo Soares	25.317	7.000	-	1.825.000
Coronel Vivida	34.389	14.814	198.928	14.625.000
Honório Serpa	20.615	7.300	-	4.425.800
Itapejara D'Oeste	14.210	30.050	1.210.551	5.798.000
Mangueirinha	30.070	11.950	-	7.300.000
Mariópolis	12.535	8.695	81.828	9.720.000
Palmas	33.365	4.160	-	2.287.000
Pato Branco	26.102	16.680	374.377	13.200.000
São João	22.154	12.733	920.891	9.720.000
Saúde do Iguaçu	9.5556	1.810	443.789	4.320.000
Sulina	13.554	7.110	743.650	4.250.000
Vitorino	12.800	16.434	-	9.490.000
Total Região P.Branco	333.617	177.173	4.947.593	112.808.300
Total do Sudoeste	931.687	813.507	25.478.387	387.373.016

FONTE: SEAB/DERAL - Núcleo Regional de Francisco Beltrão e Pato Branco.

Tabela 4 - Número de agroindústria existente e a instalar por sub-regiões nas principais atividades.

Atividades	Sub - Regiões				Implantadas	A Implantar
	Francisco Beltrão	Dois Vizinhos	Barracão	Realeza		
Leite / Queijo	31	17	08	15	36	35
Embutidos/ Defumados	21	14	06	08	33	16
Hortifrutícolas	15	18	18	20	36	35
Cana-de-Açúcar	17	20	12	27	37	39
Peixes	03	06	01	-	05	05
Panificação / Massas	10	05	05	06	15	11
Processamento de Cereais	04	01	01	01	03	04
Aves / Ovos	06	05	01	07	10	09
Mel e Derivados	02	01	01	01	01	04
Totais	109	93	52	71	176	158

Fonte: EMATER-PR Plano Regional de Agroindustrialização do Sudoeste – Paraná/2000

3-Estrutura fundiária

A região Sudoeste do Paraná caracteriza-se pela predominância de pequenas propriedades. Segundo dados do Censo Agropecuário 1995/96, na área compreendida pelo Núcleo Regional de Francisco Beltrão³ quase a metade das propriedades (45,42%) possuem área de até 10 ha. Se somadas às propriedades de até 20 ha, este percentual sobe para 74,63%. A tabela 5 mostra estes dados.

Tabela 5 – Estrutura fundiária – Microrregião de Francisco Beltrão – 1995/96

Área	Nº Propriedades	%
De 0 a 10 ha	15.972	45,42
De 10 a 20 ha	10.270	29,21
De 20 a 50 ha	6.865	19,52
De 50 a 100 ha	1.349	3,84
De 100 a 500 ha	662	1,88
Mais de 500 ha	46	0,13
Total	35.164	100

Fonte: SEAB/DERAL – Núcleo Regional de Francisco Beltrão (Dados do Censo Agropecuário 1995/96)

Tais dados permitem verificar o que Feres (s.d.) apontou como sendo a manutenção da sua estrutura de produção camponesa, apesar do relativo sucesso da modernização tecnológica, conservando a base famili-

ar de seu processo produtivo.

Intimamente relacionado ao tamanho das propriedades está a concentração da posse da terra. “A concentração da posse da terra determina a estrutura de produção e exerce vigorosa influência sobre a produtividade agrícola, sobre a inovação tecnológica e também sobre o emprego rural, suscitando preocupações dos mais variados níveis, como a busca de uma garantia de níveis mínimos para a população do campo, que a mantenha vinculada a esse campo” (Boni & Cunha, 2002, p.148).

Segundo Alencar (1997, p.63) “historicamente a concentração de terra no Brasil, medida pelo índice de Gini, situa-se na faixa muito forte. Estes índices mostram que ocorreu uma ligeira diminuição entre 1950 e 1960, mas nos períodos posteriores a concentração voltou a aumentar. Se forem considerados os agricultores sem terra, o índice de Gini para 1980 salta de 0,859 para 0,923, já na faixa de concentração absoluta”.

A tabela 6 mostra o índice de Gini⁴ para o período de 1920 a 1980.

Tabela 6 – Concentração da posse da terra no Brasil, medida pelo índice de Gini, 1920-1980.

Ano	Índice de Gini
1920	0,804
1940	0,831
1950	0,843
1960	0,841
1970	0,843
1975	0,851
1980	0,859

Fonte: Retratos do Brasil, 1984, n. 11 citado por Alencar, 1997.

“Tendo em vista que a terra continua sendo um dos mais importantes meios de produção no setor agropecuário, não há como negar a ocorrência dos processos de concentração e de capitalização nesse setor” (Szmrecsányi, 1990, p.86).

Estudo realizado por Boni & Cunha (2002) acerca da evolução da estrutura fundiária no Paraná, no período de 1970 a 1995/96, permitem verificar o que ocorreu com a concentração da propriedade da terra na região sudoeste do estado.

A tabela 7 mostra os resultados encontrados pelos autores, apurados através do índice de Gini para o período de 1970 a 1995/96.

Os dados mostram que houve um aumento da concentração da terra no estado, passando de 0,702 no início do período para 0,743 (aumen-

to de 5,84% no período). Entretanto, ao se comparar o resultado da região sudoeste, percebe-se que nesta a concentração se deu de forma mais intensa, uma vez que a variação no período foi de 11,80%. Cabe ainda observar que, para o estado o índice chegou a decrescer em 1,20% no período de 1985 a 1995, enquanto que na região não há registro de decréscimo.

Os autores apontam como causa para o aumento da concentração de terras do estado o processo de modernização da agropecuária que teve, por sua vez, reflexos no movimento migratório.

A região sudoeste, ao apresentar também uma maior concentração da posse da terra pode ter sido também afetada por esse processo. Apesar de manter a característica de predominância de pequenas propriedades, a transformação sentida na década de 1970 gerou reflexos, tanto é que no período 1970-75 ocorreu variação de 3,48% no índice de Gini e, no período de 1975/80 este crescimento foi da ordem de 4,86%. Isto vem reafirmar a crise vivida pelos pequenos produtores relatadas por Feres (s.d.), comentadas anteriormente. Nos períodos seguintes, as variações foram menores (1985/80: 1,42%; 1995/85: 1,58%).

Tabela 7 – Índice de Gini do Paraná e Região Sudoeste do estado - 1970 a 1995/96 e variação no período.

Ano	Índice de Gini	
	Paraná	Sudoeste Paranaense
1970	0,702	0,517
1975	0,729	0,535
1980	0,743	0,561
1985	0,752	0,569
1995	0,743	0,578
Variação % (1970/95)	5,84	11,80

Fonte: Boni & Cunha, 2002.

Ao aferirem o grau de concentração da terra através do índice de Theil⁵, os autores apresentaram os resultados expostos na tabela 8.

De acordo com os autores, as disparidades entre o Índice de Gini e o de Theil devem-se ao fato de que este é mais sensível a mudanças na parte superior da distribuição, enquanto o primeiro é mais suscetível a mudanças na moda da distribuição.

Sendo assim, o resultado de 16,56% de variação deste índice de concentração fundiária na região sudoeste (maior, portanto que o aferido através do índice de Gini) indica que a concentração se deu de forma mais intensa no estrato superior, ou seja, no estrato das maiores propriedades.

Tabela 8 – Índice de Theil do Paraná e da Região Sudoeste - 1970 a 1995/96 e variação

Ano	Índice de Theil	
	Paraná	Sudoeste Paranaense
1970	0,787	0,459
1975	0,806	0,481
1980	0,809	0,528
1985	0,812	0,533
1995	0,780	0,535
Variação % (1970-1995)	- 0,89	16,56

Fonte: Boni & Cunha, 2002.

No intuito de auxiliar na interpretação desses dados, Boni & Cunha (2002), apresentam resultados relativos ao percentual do território apropriado pelos 50% menores estabelecimentos do estado; percentual do território apropriado pelos 10% e 5% maiores estabelecimentos.

Tabela 9 – Percentual da área ocupada pelos 50% menores estabelecimentos rurais no estado e na Região Sudoeste - 1970 a 1995/96, e variação no período

Ano	Percentual da área ocupada	
	Paraná	Sudoeste Paranaense
1970	9,6	16,7
1975	8,3	15,9
1980	7,5	14,7
1985	7,0	14,4
1995	7,1	14,3
Variação % (1970-1995)	-26,04	14,37

Fonte: Boni & Cunha, 2002.

Os resultados permitem verificar que tanto no estado quanto na região ocorreu uma redução do número dos estabelecimentos menores, ocasionadas pelas transformações ocorridas no setor desde a década de 1970.

Na tabela 10 pode-se perceber que, enquanto os pequenos produtores perderam espaço, no território paranaense, os grandes ganharam.

Os dados mostram que tanto no estado quanto na região os 10% e os 5% maiores estabelecimentos passaram a ocupar maior espaço, em detrimento dos menores estabelecimentos. É interessante observar que a região sudoeste apresenta resultados superiores aos do estado, indicando que nesta a concentração fundiária se deu nos estratos superiores. Houve maior concentração em benefício dos 10% maiores estabelecimentos, sendo ainda possível perceber mais detalhadamente que foram os 5% maiores que absorveram mais esta concentração. Portanto, o índice de Theil captou esta mudança na parte superior da distribuição.

Estes dados sugerem a ligação entre o processo de transformação ocorrido na agricultura desde a década de 1970 e os reflexos advindos de tais mudanças: a redução do número de pessoas no campo, a substituição de culturas e a redução da participação dos pequenos produtores na posse da terra.

Segundo relatório do Ministério da Agricultura e do Abastecimento (1998, p. 9) "A intensificação da agricultura de insumos modernos e mecanização, induzida pelos defensores da Revolução Verde, bem como a implantação de alguns complexos agroindustriais, quase sempre sem nenhum comprometimento com os pequenos agricultores, conseguiram aumentar a produção mas não produziram um desenvolvimento harmonioso, capaz de erradicar a agricultura de subsistência que persiste entre, pelo menos, 50% dos camponeses da região".

Tabela 10 – Percentual de área ocupada pelos 10% e 5% maiores estabelecimentos rurais no Estado e na Região Sudoeste – 1970 a 1995/96, e variação no período.

Ano	10% Maiores Estabelecimentos		5% Maiores Estabelecimentos	
	Paraná	Sudoeste Paranaense	Paraná	Sudoeste Paranaense
1970	62,5	39,7	52,9	28,9
1975	65,8	41,8	55,8	30,8
1980	67,0	44,4	56,7	33,4
1985	67,7	45,5	57,2	34,5
1995	66,5	47,3	54,7	36,1
Variação % (1970-1995)	6,40	19,14	3,40	24,91

Fonte: Boni & Cunha, 2002.

4 - Considerações finais

O processo de transformação agrícola trouxe, indubitavelmente, benefícios para o setor e para o país. Contudo, a assimilação desta transformação por parte dos produtores, ou seja, dos agentes envolvidos, não se deu de forma similar, trazendo reflexos importantes para os vários segmentos. Tal fato está ligado à questão da diversidade existente no setor agrícola brasileiro. Nos dizeres de Szmrecsányi (1990, p.83), "(...) pode-se afirmar que, hoje em dia, não existe – se é que alguma vez existiu – um único setor agropecuário no Brasil, ou uma agricultura brasileira em geral. O que existe são sistemas de produção agropecuária regionalmente diferenciados quanto aos seus graus de capitalização, no que se refere à tecnologia que adotam, e quanto às suas relações com o setor industrial e com o Estado”.

Isto permite a observação de que os vários tipos de realidades devem ser analisadas à luz de suas características, para, a partir daí se compreender a forma como se inserem num contexto mais amplo.

Uma vez detectada tal diversidade, é oportuno colocar em questão o fato que de forma mais ou menos intensa, todas as categorias de produtores (ou unidades de produção) agrícolas foram afetados pelo novo padrão agrícola, quer seja por ter sido incluído no processo por meio de recebimento de benefícios que lhe tenham permitido a capitalização necessária, quer pelo não recebimento dos benefícios, e, por isso, ter ficado à margem e, em tal contexto, ter a necessidade de buscar alternativas de adaptação ao modelo ou mesmo um modelo próprio possível dentro da realidade posta.

O Sudoeste do Paraná constitui, pois, um exemplo de região que, por características próprias (talvez influenciadas por aspectos físicos, topográficos, históricos, de luta pela posse da terra, econômicos, políticos, pela forma de assimilação do processo de modernização... Análise que foge do foco deste trabalho) pode ter sofrido impactos diferenciados do observado para o estado como um todo. Apesar de alguns resultados (os menos interessantes do ponto de vista do pequeno produtor, como a concentração da posse da terra) seguirem a tendência do estado e, portanto, se mostrarem consoante ao processo de modernização agrícola, não se percebe na região os reflexos positivos desse processo. Como afirmam Gualda & Tavares (2004), “apesar de todos os resultados satisfatórios, as recentes transformações da base produtiva da economia paranaense não se deu de forma homogênea em todo o seu território, mas contemplou alguns sítios, em especial, a região metropolitana de Curitiba, ampliando e intensificando os efeitos negativos das desigualdades regionais”.

No mesmo sentido, estudo do DESER aponta: “Os pequenos e mé-

diões municípios que têm sua base social e econômica entorno da agricultura, enfrentam uma profunda crise, que não é apenas conjuntural. É uma crise do modelo de desenvolvimento brasileiro que se acentua em pequenos municípios, porque é também uma crise do setor agrícola” (DESER, 1997, p. 5).

Abstract

The modernization which lived by the agriculture during the last decades didn't have an uniform impact in all regions, bringing on reflex in its characteristics. In this context, this study has as objective to attach elements that allow to characterize the agricultural field from the Southwest region of Paraná contributing, this way, for after analysis and interpretations. From secondary information this article deals with general aspects of the region, from the landed structures and land concentration indicatives. As it has been noted that in more than half of the cities the rural population is bigger than the urban one. The region agriculture keeps the predominance of the summer grain planting, mainly corn, soy-beans and beans. The animal production detaches the porc raising, birds and the milk production. The region characterize itself for the predominance of the small properties. From 1970 to 1995 there was an increasing concentration of the land ownership, causing reduction of the occupied area by 50% of the smallest establishments in benefit of the 10% and 5% of the biggest rural establishments.

Key-words: agriculture, agricultural field, Paraná.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, E. *Complexos agroindustriais*. Lavras, UFLA/FAEPE, 1997.
- BONI, C.E. & CUNHA, M.S. Evolução da estrutura fundiária no estado do Paraná no período de 1970 a 1995/96. In: *Agronegócio paranaense – potencialidades e desafios*. Cascavel. Edunioeste, 2002. p. 145-162.
- DESER – DEPARTAMENTO SINDICAL DE ESTUDOS RURAIS. *Agricultura familiar e desenvolvimento local*. DESER. Curitiba, 1997.
- DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. A ocupação agrícola no Brasil. In: *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo, DIEESE, 2001. p. 211-236.
- EMATER-PR . Fórum Intergovernamental e da Sociedade do Sudoeste do Paraná. *Plano de Desenvolvimento Sustentável do Sudoeste do Paraná – Versão Agrícola*. EMATER. Região Sudoeste-PR. Novembro de 1999.
- FERES, J. B. O sudoeste do Paraná: integração capitalista e expansão da pobreza rural (um estudo de caso). In: *Propriedade da terra: opressão e miséria*. Latin American Research. Amsterdan. S.D. – Quinta parte - p. 469-580
- GUALDA, N.L.P. & TAVARES, A Z. *As transformações da economia*

paranaense como determinante de sua nova base produtiva. Mimeo. Trabalho apresentado no II Seminário Itinerante sobre Economia Paranaense. Uniãoeste, Toledo-PR, julho/2004.

IBGE – *Censo Demográfico 1996*.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. *Sondagem econômico-ambiental do Sudoeste do Paraná*. Secretaria do Desenvolvimento Rural/ Projeto Novas Fronteiras da Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 1998.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Tipos diferentes de agricultores familiares. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/incra/fao/perfil/htm> Acesso em: 04 fev.2003.

SEAB/DERAL – Núcleo Regional de Francisco Beltrão.

SZMRECSÁNYI, T. Estrutura fundiária. In: *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo. Editora Contexto, 1990. p. 82-98.

SORJ, B. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

Notas:

1 Economista. Professora do Curso de Ciências Econômicas da UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão.

2 Economista. Professor do Curso de Ciências Econômicas da UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão.

3 O Núcleo Regional de Francisco Beltrão compreende os municípios: Capanema, Planalto, Pérola do Oeste, Pranchita, Realeza, Santa Izabel do Oeste, Ampere, Bela Vista da Caroba, Bom Jesus do Sul, Nova Prata do Iguaçu, Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Iguaçu, São Jorge do Oeste, Dois Vizinhos, Santo do Lontra, Enéas Marques, Verê, Francisco Beltrão, Nova Esperança do Sudoeste, Santo Antônio do Sudoeste, Pinhal de São Bento, Barracão, Flor da Serra do Sul, Salgado Filho, Marmeleiro, Renascença e Manfrinópolis.

4 O índice de Gini varia de 0 a 1. Quando é igual a zero, tem-se uma perfeita distribuição da terra e, quando igual a 1 tem-se o máximo de desigualdade, como se a totalidade da terra pertencesse a um único proprietário.

5 O índice T de Theil varia de 0 a log n. Quanto T é igual a zero não há desigualdade, e quando for igual a log n é perfeitamente desigual.

Data de Recebimento: 10/03/2004

Data de Aprovação: 23/04/2004

Anexo

Quadro 2 - População, por município, da Região Sudoeste do Paraná 1996 e 2000.

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO			POPULAÇÃO		
	1996			2000		
	URB.	RURAL	TOTAL	URB.	RURAL	TOTAL
Ampére	7.805	6.610	14.415	10.437	5.200	15.637
Barracão	5.205	3.664	8.869	5.827	3.446	9.273
Bela Vista da Caroba	444	4.234	4.678	756	3.745	4.501
Boa Esp. do Iguaçu	572	2.881	3.453	564	2.539	3.103
Bom Jesus do Sul	326	3.900	4.226	382	3.770	4.152
Capanema	8.339	10.119	18.458	9.194	9.037	18.231
Cruzeiro do Iguaçu	1.989	2.808	4.797	2.214	2.180	4.394
Dois Vizinhos	21.669	10.415	32.084	22.380	9.604	31.984
Enéas Marques	1.385	5.245	6.630	1.250	5.132	6.382
Flor da Serra do Sul	410	4.811	5.221	590	4.470	5.060
Francisco Beltrão	52.031	13.699	65.730	54.818	12.300	67.118
Manfrinópolis	119	4.155	4.274	448	3.354	3.802
Marmeleiro	6.547	7.557	14.104	7.752	5.913	13.665
Nova Esp. do Sudoeste	978	4.227	5.205	1.224	4.034	5.258
Nova Prata do Iguaçu	4.662	5.958	10.620	5.286	5.090	10.376
Pérola do Oeste	2.869	5.107	7.976	2.734	4.617	7.351
Pinhal de São Bento	603	2.043	2.646	737	1.825	2.562
Planalto	4.731	9.712	14.443	4.688	9.429	14.117
Pranchita	3.026	3.589	6.615	3.160	3.098	6.258
Realeza	9.444	6.657	16.101	9.986	6.045	16.031
Renascença	2.529	4.655	7.184	2.929	4.030	6.959
Salgado Filho	1.988	3.511	5.499	2.017	3.320	5.337
Salto do Lontra	5.158	7.897	13.055	4.420	5.625	10.045
Santa Izabel do Oeste	4.992	6.976	11.968	5.693	6.017	11.710
Santo Ant. do Sudoeste	9.963	7.846	17.809	10.798	7.058	17.856
São Jorge do Oeste	4.154	5.515	9.669	4.512	4.799	9.311
Verê	2.735	6.246	8.981	3.031	5.691	8.722
Bom Sucesso do Sul	1.186	2.345	3.531	1.301	2.082	3.383
Chopininho	8.045	12.273	20.318	10.383	10.157	20.540
Clevelândia	14.647	3.320	17.967	14.781	3.515	18.296
Coronel D. Soares	366	6.134	6.500	789	6.217	7.006
Coronel Vivida	13.481	10.557	24.038	14.726	8.579	23.305
Honório Serpa	673	6.557	7.230	1.443	5.465	6.908
Itapejara Do Oeste	4.108	4.805	8.913	4.147	5.017	9.164
Mangueirinha	6.427	10.656	17.083	6.451	11.310	17.761
Mariópolis	3.332	2.881	6.213	3.772	2.248	6.020
Palmas	25.056	2.836	27.892	31.386	3.397	34.783
Pato Branco	48.921	8.829	57.750	56.762	5.428	62.190
São João	4.691	7.535	12.226	5.790	5.418	11.208
Saúde do Iguaçu	1.958	1.962	3.920	1.986	2.722	4.708
Sulina	1.113	3.288	4.401	1.195	2.714	3.909
Vitorino	2.944	3.461	6.405	3.174	3.095	6.269
TOTAL	301.621	247.476	549.097	335.913	218.732	554.645

Fonte: IBGE.